

O COTIDIANO COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA – QUESTÕES PARA PENSAR A ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA

Ana Beatriz Campos Vaz / PPGAV – Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Este texto apresenta recorte da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas em que foi discutida a arte contemporânea na escola e a sua relação com o cotidiano, possibilitando novos modos de relacionamento com o ordinário de modo a transformá-lo em experiência estética da maneira proposta por Dewey.

PALAVRAS-CHAVE

arte contemporânea; cotidiano; experiência estética.

ABSTRACT

This paper presents part of a research in the Masters in Visual Arts at the Federal University of Pelotas in which was discussed contemporary art in school and its relationship to daily life, enabling new ways of relationship with the ordinary in order to turn it into aesthetic experience as proposed by Dewey.

KEYWORDS

contemporary art; everyday practices; aesthetic experience.

A arte contemporânea contempla questões que podem perpassar o que acontece na vida, no momento em que ela é vivida. Por se tratar de ação, a vida se dá no trajeto. A arte contemporânea, em muitos casos, também assim se processa. Nesse sentido é que as experiências de aproximação de elementos que estão disponíveis no dia a dia, e para os quais não dedicamos atenção, podem ser evidenciadas pelo contato da sala de aula em que a arte contemporânea se faz presente.

Trazer a possibilidade de esconder para poder ver melhor o que até então era visível, mas não notado, buscar nos elementos mais comuns um olhar de estranhamento e de redescoberta são ações que podem ser potencializadas pela sala de aula.

Em Arte como experiência, Dewey (2010) cria uma rica teia de relações entre as experiências por ele vividas. A elas, foram acrescentados os pensamentos, entre outros, dos poetas ingleses, do século XVIII, John Keats e Samuel Taylor Coleridge. Estes poetas traziam suas reflexões sobre os momentos em que viviam, mergulhados em uma Inglaterra que nascia para a indústria. Dewey (2010) apresenta, como numa condensação de pensamentos, os trajetos em poemas de tais poetas, no momento em que estavam imersos nas angústias que os moviam, transformando-as em experiências estéticas. Ele próprio lança mão de suas experiências, que são perpassadas pelo que viveu/conheceu, transformando-as nesta escrita potente e atual. Atual porque, apesar de trazer o contexto de seu tempo, vem recheado de memórias e projetado em devires que podem ser misturados ao que hoje se reflete.

Senão vejamos, no momento em que remete ao ensino da arte, manifesta sua preocupação com a formatação da imaginação, que deixa de lado as vontades. Neste argumento, percebo a ligação que pode ser estabelecida entre a arte contemporânea e a sala de aula. Justamente por seu caráter plural, a arte contemporânea permite pontes, possibilita trajetos, não há uma verdade preestabelecida que possa podar os anseios. Portanto, à imaginação podem ser dadas asas.

O autor explana que a arte: “[...] é totalmente inocente de ideias derivadas do louvor e da censura, ela é vista com um olhar de suspeita [...]” (DEWEY, 2010, p. 584).

Essa suspeita talvez seja a que possamos ter em relação às obras contemporâneas. Devido à fragilidade de seus materiais e que por isso apresentam uma condição de precariedade, fazem com que os conceitos que tenhamos não sirvam para formatá-las. Não é em vão a referência de Dewey ao aspecto de que a arte é sempre subversiva, agitadora, senão se torna frouxa. Percebo aí também a relação com a arte contemporânea, a qual não nos deixa indiferentes diante de suas apresentações.

Outra proposição que considero relevante, ao contexto que trato, é o fato de Dewey (2010) considerar que o material da arte possa ser retirado de qualquer fonte. Não há assunto que não possa ser motivo para a arte. A arte contemporânea tem esse caráter polissêmico.

Como define Dewey (2010), a experiência estética difere da experiência comum, pois esta cruza sem ser transformada ao passo que aquela, ao passar pela compreensão, reelabora-se. Nesse sentido, as ações cotidianas podem ser evidenciadas se a elas forem destinados olhares mais perscrutadores, que busquem essa reelaboração.

A arte contemporânea possibilita-nos, assim, o encontro com momentos que podem ser reflexo de nossas ações no mundo e com o mundo, porque este não está de nós afastado. Nós fazemos o mundo enquanto este nos faz. Nossas experiências são interações com o mundo. Essa arte que não está num espaço distante como menciona Dewey (2010), entretanto que pode ter ligação com o que se vive dia a dia, intensificando essas ações ao serem revistas e repensadas através das proposições dos artistas contemporâneos.

A experiência estética pode ser intensificada pela arte contemporânea no momento em que esta é atravessada pelas ações cotidianas. O estético, como menciona Dewey (2010), não acontece como uma ingerência de fora para dentro. Para que se efetive como experiência completa, que é uma característica da experiência estética, essa deve passar pela produção e pelo pensamento. A arte contemporânea pode potencializar tais ações ao proporcionar que nos tornemos autores, não só consumidores. O cotidiano pode ser surpreendido em sua condição de coadjuvante,

ou de mera etapa da vida e se tornar ele mesmo protagonista, visto que pode sair de seu arrastar rotineiro e se tornar movimento ressignificado.

O cotidiano é trazido aqui para que seja pensado e revisto. Ao citar artistas como Cao Guimarães em seu *Inventário de Raivinhas* pode-se evidenciar o quanto estas nos perseguem e o uso que delas podemos fazer. Essas ações passam despercebidas, no entanto o olhar do artista as legitima ao retirá-las de sua condição de reserva, ao trazer esses incômodos pelos quais passamos e dos quais nos queremos ver livres o mais depressa possível. Assim, o dia a dia é manifesto em sua condição mesma de acontecimento.

Com tal enfoque a pesquisa foi construída no meio (LANCRI, 2002) do meu contexto de trabalho docente em que as ações visaram trazer o olhar para mais de perto do que nos rodeia. Certeau (2009, p. 38) alega que: “O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*”. Desse modo, pode-se pensar nas práticas da sala de aula, com propostas que diferem do que poderia ser normatizada por estratégias de ensino em que há territórios delimitados de ação. De igual maneira, a arte contemporânea, de certa forma, escapa ao que poderia ser considerado como regra, visto que não se estabelece de forma unívoca, havendo incontáveis maneiras de manifestação. A arte contemporânea, ao se esquivar de convenções determinadas, permite que ações sejam desencadeadas pelo caminhar, e tais ações, assim, se deram a ver na sala de aula.

Feitas essas considerações balizadoras, apresento etapas de uma proposta que foi oportunizada em sala de aula, com alunos da 8ª série¹ do ensino fundamental em que o cotidiano esteve misturado aos processos e nele e com ele foram estabelecidas conexões. A proposta componente da pesquisa foi denominada de *Experiências novas com objetos próximos*.

Nesse conjunto, a atividade sugerida se desenvolveu em relação a algum objeto que os alunos deveriam fotografar, no entanto camuflando sua identidade de modo a não se dar a perceber num primeiro instante. A tarefa poderia ser desenvolvida em casa. Assim sendo, surgiram as imagens que exponho na continuação.



Série *Isso é um...*, 2014
Fotografia de aluno da 8ª série

A imagem apresentada (Figuras 1) — como as demais que são referenciadas no texto — foi realizada pelo mesmo aluno. Num rápido olhar, a impressão que gerou, ao ser exibida, é que a figura 1 se tratava de um copo, mas o que ele queria era esconder o objeto e o copo foi escolhido como continente. O foco era dirigido ao telefone celular, que no decorrer do trabalho, foi preterido em troca de um telefone mais antigo que encontrou em casa (Figura 2).



Série *Isso é um...*, 2014
Fotografia de aluno da 8ª série

O que me chamou atenção para esses trabalhos, foi não só o ângulo escolhido para fixar um ponto de vista, bem como a pesquisa efetivada em torno da alternativa que o levou a descartar um elemento em busca de outro que satisfizesse melhor o que pretendia. Demonstrou cuidado e tempo desacelerado, já que foram efetuadas várias fotografias, gerando uma série por ele denominada de *Isso é um...*

Registro que o uso da fotografia se deve ao fato de ser um meio disponível para a maioria, o que de certo modo favorece as atividades, ao mesmo tempo em que percebi que lhes era interessante como recurso. Manifesto ainda, que o fato de nomear as produções — bem como os registros escritos a respeito das mesmas — fez parte do processo de trabalho, em que o pensamento foi evocado em todas as fases de construção.

Em prosseguimento ao trabalho, pedi que inserissem o mesmo objeto em outro contexto. Desse contexto, surgiram situações que foram criadas e registradas, conforme as imagens abaixo (Figuras 3 e 4).



Série *Isso é um...*, 2014
Fotografia de aluno da 8ª série



Série *Isso é um...*, 2014
Fotografia de aluno da 8ª série

Nesse andamento creio ser oportuno trazer o depoimento do aluno sobre as etapas de realização do trabalho, as quais culminaram com o relato escrito sobre a experiência, que reporto abaixo:

Eu fiz as fotos tendo em mente retirar do telefone sua utilidade comum. Quando a professora mandou pegar um objeto [...] pensei em o que utilizar. Lembrei das fotos anteriores que fiz, utilizando o telefone celular como objeto. Lembrei de um telefone velho que tinha guardado aqui em casa. Peguei esse telefone, e aí pensei em quais utilidades eu daria aquele telefone [...] fui para o pátio e olhei para o varal e pensei, que nunca ninguém colocaria um telefone no varal junto as roupas [...]. E assim fiz com que um telefone velho tivesse outras funções, jeitos e forma de vê-lo.

Na ocasião em que presenciei tais trabalhos, percebi o cotidiano ressignificado pela ação/olhar que o aluno lançou sobre o mundo. Ao se fazer autor, permitiu, com seu gesto, que um objeto fosse visto e interpenetrado por outros significados que não o que lhes são atribuídos por suas funções imediatas. Esse fato alia-se ao tempo que dispensou para a elaboração e à execução da atividade, em que se pode perceber um pensamento, enquanto *exercício*² criador. O objeto/ telefone, no momento em que perde a sua utilidade, é revisto e a ele é dispensada uma atenção diferenciada. Outro ponto levantado refere-se ao valor da fotografia como indicador do real. Que realidade é essa invocada por essas imagens? Bourriaud (2009) remete que o que

nomeamos de realidade é uma criação, ao enfatizar que a partir do cotidiano podem ser inventadas distintas formas de realidade.

A fragilidade do cotidiano e a relação deste com o olhar do aluno colocou em xeque a própria duração dos objetos de consumo, no momento em que, tiveram suas funções alteradas e foram realocados em novos arranjos. A respeito de artistas que se valem de objetos diferentes, como numa *feira de usados*, Bourriaud (2009) lembra que tais objetos dispostos lado a lado lembram as bancas de mercado e sua heterogeneidade. O objeto/telefone, ao ser pendurado no varal (Figura 3), ao contrário ganha similaridade aos demais objetos, pela condição a que foi submetido. Ao mostrar a fotografia de artistas que se valem de objetos do cotidiano, Cotton (2010) indica que os objetos mantêm a sua realidade, porém o tema é que se vê alterado por causa das novas relações que se estabelecem pelo inusitado da situação em que se encontram.

Nicolas Bourriaud (2011), em seu livro, *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*, remete à arte moderna, em sua utopia de unir arte e vida. Já a arte contemporânea, de acordo com o autor, teria como desejo uma relação com o cotidiano imediato, ele mesmo parcial. Esse cotidiano contíguo foi trazido para a sala de aula para ser problematizado e potencializado, através das obras contemporâneas, sendo ressignificado ao ser experimentado esteticamente através das ações e pensamentos oportunizados.

Notas

¹ Esta foi a última turma do ensino fundamental de oito anos na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido, em Bagé – RS.

² O *fazer filosófico*, o pensar como *exercício* é manifesto por Ursula Rosa da Silva (2011) no livro *A Infância do sentido: o ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty*. Portanto, é com essa referência que aparece no texto.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*; tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes do fazer*; tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COTTON, Charlotte. *A Fotografia como arte contemporânea*; tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. *Arte como experiência*; [organização] Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furst Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade; tradução Sônia Taborda. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (organizadoras). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Ed. da Universidade, 2002.

SILVA, Ursula Rosa da. *A infância do sentido: o ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty*. Pelotas: FEPráxis; Editora e Gráfica Universitária, 2011.

Ana Beatriz Campos Vaz

Mestre em Artes Visuais, na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, pela Universidade Federal de Pelotas (2015). Graduada em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas e Especialização em Ensino de Artes Visuais pela URCAMP – Bagé – RS. Atua como professora, no ensino fundamental e médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido em Bagé – RS.